



Roda de Conversa sobre Aleitamento Materno: Relato de Experiência de Estudantes da Graduação de Medicina

*Maria Isabel do Nascimento¹; Beatriz Fernandes Hayashi de Faria¹; Giovanna Brandão Castagna³;
Isabelle Camile Mascarenhas Wariss⁴; Isabelle Sá Clemente⁵; Luana Azevedo Pimenta⁶;
Luiza da Silva Pereira⁷; Pedro Azevedo Mota⁸; Vitor Gomes Carvalho Neris⁹*

Resumo: A roda de conversa é um modelo de troca e construção de conhecimento, alternativo ao processo tradicional de ensino praticado na formação do médico. O objetivo foi descrever as percepções dos autores, captadas em roda de conversa sobre doação de leite humano. A metodologia de relato de experiência foi utilizada para reportar as percepções dos autores que interagiram com mães nutrizas doadoras de leite humano, participantes de uma exposição itinerante patrocinada por um banco de leite humano. As percepções dos estudantes remeteram às concepções categorizadas como (i) vulnerabilidade feminina e participação masculina; (ii) descobertas e aprendizados dos estudantes; (iii) desejo de amamentar, medos e inseguranças das mães; e (iv) papel ampliado do banco de leite humano. Concluindo, as rodas de conversa ensinam o estudante de medicina a trabalhar em grupo, integrando teoria e prática e possibilitando a formação de médicos mais humanos, reflexivos e dispostos a ouvir antes de agir.

Descritores: Roda de Conversa. Ensino. Aleitamento Materno. Banco de Leite Humano. Relações Comunidade-Instituição.

¹ Docente orientadora da Faculdade de Medicina - Universidade Federal Fluminense (UFF). maria_isabel@id.uff.br;

² Acadêmica da Faculdade de Medicina - Universidade Federal Fluminense (UFF). beatriz_fhf@id.uff.br;

³ Acadêmica da Faculdade de Medicina - Universidade Federal Fluminense (UFF). giovannacastagna@id.uff.br;

⁴ Acadêmica da Faculdade de Medicina - Universidade Federal Fluminense (UFF). isawariss@id.uff.br;

⁵ Acadêmica da Faculdade de Medicina - Universidade Federal Fluminense (UFF). ysamaria@uol.com.br;

⁶ Acadêmica da Faculdade de Medicina - Universidade Federal Fluminense (UFF). luapimenta@id.uff.br;

⁷ Acadêmica da Faculdade de Medicina - Universidade Federal Fluminense (UFF). luiza_sp@id.uff.br;

⁸ Acadêmico da Faculdade de Medicina - Universidade Federal Fluminense (UFF). motapedro@id.uff.br;

⁹ Acadêmico da Faculdade de Medicina - Universidade Federal Fluminense (UFF). vitorgcn@id.uff.br.

Conversation circle about Breastfeeding: Experience Report from Undergraduate Medical Students

Abstract: The conversation circle is a model for knowledge exchange and construction, an alternative to the traditional teaching process practiced in medical training. The objective was to describe the authors' perceptions captured in a conversation circle about human milk donation. An experience report methodology was used to report the perceptions of the authors who interacted with breastfeeding mothers who donated human milk, participants in a traveling exhibition sponsored by a human milk bank. The students' perceptions referred to the concepts categorized as (i) female vulnerability and male participation; (ii) students' discoveries and learning; (iii) mothers' desire to breastfeed, fears and insecurity; and (iv) the expanded role of the human milk bank. In conclusion, conversation circles teach medical students to work in groups, integrating theory and practice and enabling the training of more humane, reflective doctors interested in listening before acting.

Keywords: Conversation Circle. Teaching. Breastfeeding. Milk Banks. Community-Institutional Relations.

Introdução

A roda de conversa é um instrumento de troca e construção de conhecimento. Nela, as pessoas se reúnem de maneira organizada e não-hierarquizada para tratar de determinado tema, em espaço e tempo oportuno, sobre o qual, por meio do diálogo e escuta, expressam suas convicções e são expostos às opiniões dos outros membros, realizando uma discussão colaborativa em torno da pauta (Oliveira; Gama, 2024). Essa prática privilegia a produção e compartilhamento de narrativas distintas, permitindo ampliar as visões de mundo dos integrantes, que expressam seus questionamento e argumentações, contribuindo para uma modalidade mais coletiva de aprendizado através da apresentação de pontos de vistas, experiências múltiplas e individuais e saberes adquiridos (Oliveira; Gama, 2024). Dessa maneira, a Roda de Conversa é uma ferramenta vantajosa para ações pedagógicas ou de conscientização, pois permite o engajamento das pessoas ao tema de maneira ativa e fortalece a autonomia na discussão, propiciando um meio de comunicação mais espontâneo e permitindo que as propostas apresentadas sejam trabalhadas em parceria conjunta (Oliveira; Gama, 2024).

A roda de conversa tem se mostrado uma estratégia essencial ao aprendizado médico por criar um ambiente de troca e reflexão que vai além do modelo tradicional de ensino. Nesse

espaço, o diálogo entre estudantes e docentes favorece a construção coletiva do conhecimento, permitindo que experiências pessoais e vivências práticas se tornem parte do processo formativo (Oliveira; Gama, 2024). A escuta ativa, o respeito às diferentes opiniões e a possibilidade de problematizar situações reais tornam o aprendizado mais crítico. Esse tipo de abordagem contribui para o desenvolvimento de competências relacionais e reflexivas fundamentais à prática médica, estimulando o autoconhecimento e a empatia, elementos indispensáveis para a formação de profissionais mais sensíveis e comprometidos com o cuidado em saúde (Melo *et al*, 2016).

As rodas de conversa também possibilitam a troca de aprendizados não científicos, como valores éticos, experiências de vida e percepções subjetivas do cuidado, que enriquecem a compreensão sobre o papel do médico na sociedade. Paralelamente, funcionam como espaços potentes de disseminação de informação científica de forma acessível e contextualizada, permitindo que o saber técnico circule de maneira integrada ao saber popular, fortalecendo tanto a formação acadêmica quanto a construção de uma prática médica mais consciente e colaborativa (Silva *et al*, 2020).

Quando mediada por profissional da saúde, a roda de conversa demonstra ser uma estratégia educativa efetiva na promoção do aleitamento materno. Tal abordagem é fundamental para desmistificar crenças, aumentar a autoconfiança materna para enfrentar os desafios da lactação e criar uma rede de apoio sólida. O ambiente empático resultante normaliza as dificuldades inerentes ao processo, propiciando uma troca de experiências que beneficia diretamente as mães nutrizas e, simultaneamente, enriquece a compreensão dos profissionais sobre o contexto sociocultural das mulheres, aprimorando sua própria formação. Dessa forma, a roda de conversa transcende a mera transmissão de informações, consolidando-se como um potente instrumento de incentivo ao aleitamento, com impactos positivos diretos na adesão e no prolongamento da amamentação (Gil *et al*, 2022). No que concerne à formação médica, a roda de conversa pode criar um ambiente físico, intelectual e pedagógico que contribui para a aquisição de competências, desenvolvimento do caráter e profissionalismo do estudante de medicina e do futuro médico (Luna *et al*, 2020).

No âmbito da extensão universitária, a roda de conversa oportuniza a aproximação do estudante à realidade da sociedade e facilita a abordagem de temas relevantes, mas ainda estranhos aos estudantes recém-chegados ao curso de medicina. Assim, o presente trabalho teve

o objetivo de descrever as percepções dos autores, membros da equipe de extensão, ao participar de roda de conversa fundamentada na promoção da doação de leite humano.

Aspectos preliminares

O aleitamento materno é muito mais do que um simples ato de alimentar. É um processo único e fundamental na formação de vínculo e demonstração de afeto, constituindo a base para a saúde e para o desenvolvimento da criança. O aleitamento materno é uma estratégia que impacta no crescimento físico e na prevenção de doenças, com um potencial que reverbera por toda a vida. Seus benefícios são vastos e cientificamente comprovados, atuando como o primeiro e mais eficaz mecanismo imunológico e de nutrição para o bebê, reduzindo a incidência de doenças infecciosas e respiratórias, além de ser um verdadeiro escudo protetor contra a desnutrição e a obesidade futura. A amamentação exclusiva até os seis meses de idade, complementada com alimentos saudáveis até os dois anos ou mais, é defendida como o pilar para o pleno desenvolvimento do bebê. A promoção da amamentação é uma jornada que começa muito antes do nascimento, sendo construída a cada consulta de pré-natal, onde a mulher é acolhida e fortalecida em sua autoconfiança para amamentar e também para remoção de estigmas e inseguranças (Brasil. Ministério da Saúde, 2018). Nos casos específicos de impossibilidade direta do aleitamento materno, entram em ação os Bancos de Leite Humano.

Os Bancos de Leite Humano atuam como espaços que possibilitam a promoção efetiva do aleitamento materno, por meio não só da ordenha e manejo do leite de doação, mas também do desenvolvimento de ações assistenciais para puérperas e nutrizes frente aos desafios da amamentação (Fonseca *et al*, 2021). A importância dessas instituições não se restringe à garantia da segurança alimentar aos neonatos que dependem do leite de doação para a sobrevivência, estendendo-se à construção das redes de apoio e ao entendimento do aleitamento materno como questão de saúde coletiva (Fonseca *et al*, 2021). Suas ações englobam a realização da coleta, pasteurização, armazenamento e controle de qualidade do leite humano, além da assistência a mulheres lactantes em suas dificuldades no processo do aleitamento materno (Moraes; Oliveira; Dalmas, 2013).

No Brasil, a expansão dos Bancos de Leite Humano se relaciona com o fomento de novas políticas públicas de incentivo ao aleitamento materno. O leite humano doado e pasteurizado permite a individualização da alimentação conforme as necessidades calórico-

nutricionais de neonatos, favorecendo o ganho de peso e a evolução para um bom prognóstico clínico (Fonseca *et al*, 2021). Ainda, a existência desses ambientes e dos esforços educativos de seus colaboradores permitem a continuidade da defesa do aleitamento materno, já que mulheres que entendem o destino e a importância do leite coletado demonstram maior motivação para doar (Thomaz *et al*, 2008).

Metodologia

Este utiliza a estrutura de um Relato de Experiência (Mussi *et al*, 2021), para descrever a atividade desenvolvida no formato de Roda de Conversa, a qual ocorreu no dia 23 de agosto de 2025, em um espaço aberto disponibilizado no *Shopping Bay Market*, Niterói (RJ). A interação com a comunidade foi vivenciada por estudantes do segundo período da graduação de medicina e da graduação de enfermagem de uma universidade federal, frente ao evento Exposição Itinerante promovida pelos coordenadores do Banco de Leite do Hospital Universitário Antônio Pedro (HUAP) em celebração ao mês “Agosto Dourado”, considerado o Mês do Aleitamento Materno (Brasil, 2017).

A exposição itinerante homenageou mães-nutrizas doadoras de leite humano, contando suas histórias e exibindo suas imagens. Peças artesanalmente elaboradas remetiam às mamas femininas, em seus aspectos mais comuns, mas também mostrando formatos desafiadores para a amamentação. Os estudantes de enfermagem eram de períodos mais avançados do curso, capacitados a orientar sobre o aleitamento, compartilharam suas experiências aos estudantes de medicina.

A atividade se estendeu da manhã ao início da tarde e além dos alunos da medicina, enfermagem, professores e funcionários do banco de leite do HUAP e da faculdade de enfermagem, transeuntes que visitavam o *shopping* foram convidados a participar, incluindo mães-nutrizas, seus parentes e filhos. Especificamente, na roda de conversa, participaram cerca de 30 pessoas.

A estruturação do presente trabalho visa registrar o processo de desenvolvimento da roda de conversa e as percepções e/ou interpretações do grupo de estudantes de medicina que compuseram a roda (Lüdke, M.; Cruz, G. B., 2010). O trabalho é parte do projeto de extensão nomeado “Saúde e educação para a vida em conversas com crianças, pais e professores na comunidade da Maré”, o qual está sendo desenvolvido em parceria com uma instituição privada

de ensino básico, localizada no Complexo da Maré. O trabalho não envolve pessoas com finalidade de pesquisa e conforme a Resolução CNS Nº 674, de 06 de maio de 2022 (Brasil. Conselho Nacional de Saúde, 2022), está isento de apreciação ética e de submissão à Plataforma Brasil.

Resultados

As percepções dos estudantes remeteram às concepções agrupadas em quatro categorias:

1) vulnerabilidade feminina e participação masculina

Percebeu-se que o ato de amamentar, praticado de modo simples, natural e instintivo, pode ser transformado por desafios ou mesmo tabus. A vergonha em expor o corpo e as modificações na aparência, tais como flacidez, estrias e aumento de peso, parecem reduzir a autoestima, principalmente na ausência do apoio masculino. As condições socioeconômicas desfavoráveis intensificam a vulnerabilidade feminina, podendo influenciar diretamente na qualidade de vida da mãe e do bebê. É fundamental adotar medidas que tornem esse momento mais seguro e confortável para o binômio. Mesmo quando a amamentação direta não é possível, o estímulo às doações para o banco de leite ajuda não só a garantir uma nutrição natural (sem fórmulas lácteas industrializadas), como também a formar uma rede de apoio consistente e duradoura vinda do banco de leite.

O compartilhamento de diferentes perspectivas representou um deslocamento da [minha] zona de conforto baseada em postura passiva. O encontro proporcionou um novo olhar sobre essa necessidade, que por vezes, acaba não apoiada pela figura masculina. O papel do homem não é meramente passivo e a participação dele garante qualidade, conforto, segurança e estabilidade, fatores essenciais para superar a fragilidade do momento e para aumentar o bem-estar da mãe e do bebê. Na roda de conversa, ficou claro que o homem precisa assumir uma participação ativa e significativa, com presença nas sessões de incentivo e orientação ao aleitamento.

2) Descobertas e aprendizados

O jeito certo de pegar o peito na hora da amamentação, cuidando da posição do bebê e da mama são preocupações que parecem estressar a mãe, podendo repercutir na produção menor de leite. O preparo para viver esse momento de forma mais leve pode ser alcançado por orientação profissional durante a gestação, a exemplo de “consultoria de amamentação”, ministrada por enfermeira da área. Outros profissionais como os de fonoaudiologia podem ajudar a esclarecer sobre a sucção e também identificar possíveis problemas anatômicos que estejam atrapalhando a amamentação. Percebeu-se que alguns aspectos podem não ser tão intuitivos. O acompanhamento e a orientação fornecidos por profissionais de saúde podem ajudar a destravar o momento da amamentação, tão importante para a mãe e o bebê.

Conceitos ainda desconhecidos emergiram na roda de conversa. Dentre eles, foi apresentada a “confusão de bico”, que é gerada pela oferta de chupetas e mamadeiras. Apesar de serem bastante diferentes da mama, estes objetos confundem o bebê e descaracterizam a amamentação, sendo uma prática que deve ser evitada pelas mães e demais cuidadores.

A atenção de todos os participantes da roda foi atraída para a demonstração lúdica e não convencional das diferentes posições de amamentar, bem como para as peças de crochê, que simulavam a estrutura do seio e das diferentes variações anatômicas, principalmente do mamilo (Figura 1).

Figura 1 – Peças artesanais representativas de diferentes formatos de mamas.



Fonte: Acervo dos autores.

A interação com o público presente no ambiente e com os responsáveis pela intervenção enriqueceu a experiência não apenas no sentido de contribuir para a formação de habilidades comunicativas e técnicas, mas também no aprofundamento de relações de aprendizado e pertencimento dentro do ambiente acadêmico, interagindo com estudantes de outros cursos da área de saúde, professores e administradores do Banco do leite e do *shopping*.

3) Desejo de amamentar, medos e inseguranças

Alguns pronunciamentos nos deixaram a impressão de que a amamentação descrita como algo puramente instintivo para a mulher constrói uma concepção que gera medo naquelas que ainda não passaram pela experiência e, principalmente culpa nas que não conseguiram amamentar, sentimentos que podem passar despercebidos por interlocutores próximos ou mesmo profissionais de saúde. A sensação parece ser de falha do papel de mãe e de não vivenciar a maternidade com integralidade.

O ato de conseguir amamentar também não é isento de sentimentos negativos que surgem em consequência da insegurança de não produzir leite suficiente, de o leite secar precocemente, da dor que acompanha o processo. O medo de se estressar e ter o rótulo de 'leite fraco' constituem um círculo vicioso e estressante, amenizados por apoio de familiares ou incrementados pela falta de distinção entre amamentar ou simplesmente alimentar, este último resolvido por atitudes que acabam por impactar negativamente no bem-estar e na produção do leite. Por outro lado, o apoio de familiares é um mecanismo para superar o desafio de amamentar em público, ato que parece impregnado de vergonha tanto de expor o corpo, quanto de parecer não cuidar da higiene.

4) Banco de leite

Percebeu-se que o Banco de Leite Humano requer infraestrutura específica e competências profissionais, porém o que ficou mais proeminente foi a vontade de servir ao público no que se refere à saúde materno infantil. As experiências compartilhadas na roda de conversa exemplificaram instruções acerca dos procedimentos de preparação do leite, bem como dos inúmeros benefícios e impactos da amamentação para a saúde corporal e mental.

Um pensamento comum captado das mães-nutrizas foi a vontade de fazer alguma coisa diante do grande volume de leite produzido, quando excedendo a necessidade dos próprios

filhos. O intuito de reduzir o desperdício e ao mesmo tempo ajudar outras crianças constituem motivações que levam a doação do leite e emergem como ações de solidariedade estruturante dos Bancos de leite.

Comentários finais

Participar de rodas de conversa ensina o estudante de medicina, na perspectiva de futuro médico, a trabalhar em grupo e a valorizar o conhecimento que surge das experiências vividas, ao integrar de forma singular os conceitos teóricos. Ao permitir que todos possam se expressar, esse tipo de encontro rompe barreiras hierárquicas e aproxima as pessoas em torno do objetivo de aprenderem juntos. Dessa maneira, na roda de conversa, problematiza-se a realidade, conscientizando as pessoas e permitindo o “estabelecimento de diferentes tipos de relações entre fatos, objetos, acontecimentos, noções e conceitos” (Melo *et al*, 2016). A partir disto, é possível alcançar modificações comportamentais que visem à aplicação mais eficiente de saberes em diferentes situações, tanto para as pessoas quanto para os profissionais de saúde. Por consequência, a visão do estudante sobre o que é cuidado e o que é saúde é ampliada, mostrando que o conhecimento técnico precisa estar alinhado à sensibilidade e ao diálogo, isto é, o vínculo é essencial para a organização do processo de trabalho centrado no cidadão e não na doença. Assim, a roda de conversa se mostra uma ferramenta que ajuda a formar médicos mais humanos, reflexivos e dispostos a ouvir antes de agir.

Referências

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. AGÊNCIA NACIONAL DE SAÚDE SUPLEMENTAR. **Lei No 13.435, de 12 de abril de 2017.** Institui o mês de agosto como o Mês do Aleitamento Materno. Diário Oficial da União, de 13 de abril de 2017.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Política nacional de atenção integral à saúde da criança: orientações para implementação.** Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Brasília: Ministério da Saúde, 2018. 190 p: il. Disponível em: <https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/wp-content/uploads/2018/07/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Aten%C3%A7%C3%A3o-Integral-%C3%A0-Sa%C3%BAde-da-Crian%C3%A7a-PNAISC-Vers%C3%A3o-Eletr%C3%B4nica.pdf>

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. **Resolução CNS Nº 674, de 06 de maio de 2022**. Dispõe sobre a tipificação da pesquisa e a tramitação dos protocolos de pesquisa no Sistema CEP/Conep. Diário Oficial da União, edição 203, Seção 1, p. 65, publicado em 25/10/2022.

FONSECA, R.M.S; MILAGRES, L.C.; FRANCESCHINI, S.C.C.; HENRIQUES, B.D. O papel do banco de leite humano na promoção da saúde materno infantil: uma revisão sistemática. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 26, n. 1, p. 309-318, 2021. <https://doi.org/10.1590/1413-81232020261.24362018>

GIL, A.B.; OBANDO, C.M.; REIBNITZ, M.L.C.; CORDEIRO, J.S.T.; SALES, T.T.; SAMPAIO, J.M.C. Estratégias de promoção do aleitamento materno utilizadas pelos enfermeiros. **Destques Acadêmicos**, v. 14, n. 3, p. 128-141, 2022. <https://doi.org/10.22410/issn.2176-3070.v14i3a2022.3175>

LÜDKE, M.; CRUZ, G.B. Contribuições ao debate sobre a pesquisa do professor da educação básica. **Formação Docente – Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores**, v. 2, n. 3, p. 86–107, 2010. Disponível em: <https://www.revformacaodocente.com.br/index.php/rbfpf/article/view/20>

LUNA, W.F.; NORDI, A.B.A.; RACHED, K.S.; CORREIA, M.B.A.; CARVALHO, A.R.V.; MORAIS, L.F.D. Estudantes de medicina em roda: os diálogos da extensão popular com os indígenas potiguara. **Revista Brasileira de Educação Médica** [Internet], v. 44, n. 3, p. e072, 2020. <https://doi.org/10.1590/1981-5271v44.3-20190343.ING>

MELO, R.H.V.; FELIPE, M.C.P.; CUNHA, A.T.R.; VILAR, R.L.A.; PEREIRA, E.J.S.; CARNEIRO, N.E.A.; et al. Roda de conversa: uma articulação solitária entre ensino, serviço e comunidade. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 40, n. 2, p. 301-309, 2016. <https://doi.org/10.1590/1981-52712015v40n2e01692014>

MORAES, P.S.; OLIVEIRA, M.M.B.; DALMAS, J.C. Perfil calórico do leite pasteurizado no banco de leite humano de um hospital escola. *Revista Paulista de Pediatria*, v. 31, n. 1, p. 46-50, 2013. <https://doi.org/10.1590/S0103-05822013000100008>

MUSSI, R.F.F.; FLORES, F.F.; ALMEIDA, C.B. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. *Revista Práxis Educacional*, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021. <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v17i48.9010>

OLIVEIRA, P.B.R.; GAMA, R.P. Roda de conversa: um instrumento metodológico tecnológico-formativo-coletivo na Pesquisa em Educação. **Revista Educação e Políticas em Debate**, v. 13, n. 2, p. 1-14, 2024. <https://doi.org/10.14393/REPOD-v13n2a2024-71286>

SILVA, I.S.; BRANDÃO, G.C.G.; XAVIER, P.B.; ARAÚJO, T.L.L.; PAULINO, D.A.; QUEIROZ, C.G. As rodas de conversa como ferramenta complementar ao pré-natal. **Revista Extensão em Ação**, v. 19, n. 1, p. 84-93, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.32356/exta.v19.n1.42280>.

THOMAZ, A.C.P.; LOUREIRO, L.V.M.; OLIVEIRA, T.S.; MONTENEGRO, N.C.M.F.; JÚNIOR, E.D.A.; SORIANO, C.F.R.; et al. The human milk donation experience: motives, influencing factors, and regular donation. *Journal of Human Lactation*, v. 24, n. 1, p. 69-76, 2008. <https://doi.org/10.1177/0890334407310580>



Recebido: 27/11/2025 Aceito: 02/12/2025 Publicado: 28/02/2026